

INMUTA·CINE

semanario ILUSTRADO

DE

cinematografia



nº
140

preço

50

centavos

OSTA

OLYMPIA

apresenta na proxima 2.^a feira

o precioso documentário dramatico-pitoresco

INIMIGO SILENCIOSO

CURIOSOS ASPECTOS DA VIDA DE
UMA TRIBU DE PELES VERMELHAS
DE "ALASKA" reconstituindo os usos
e costumes primitivos desta gente numa
época anterior à descoberta da America

**Lindissimas caçadas. — Milhares e milhares de
Renas, que habitam na frígida região do Norte,
sentem-se perseguidas pela tribu "AJIBWEYS"**

Todos os aparelhos de cinêma
sonoro teem as suas qualidades



O aperelho sonoro
MELODIUM
é equipado com as
mais perfeitas peças
da indústria mundial



Peça condições e preços de venda ou aluguer
a ERNESTO DE BALMACEDA

Rua Anselmo Braancamp, 534 — PORTO



SINGRANDO CONTRA
TODAS AS PROCELAS.

O VISADO

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

N.º 140

REDACTOR PRINCIPAL

ROBERTO LINO

FORTO
17 DE OUTUBRO
1931

ALVES COSTA

E

SOUTINHO D'OLIVEIRA

ANO 9

Comp. e Imp. - DIÁRIO DO PORTO

R. S. Bento da Vitória, 10 - Telef. 2300

Redacção e Administração: - Rua das Musas, 45 - PORTO - (Portugal).

Pessoal Feminino...

Até nós chegam rumores, que o pessoal do Rivoli, a abrir brevemente como teatro e que a alma ao cinema entregará, será feminino.

Num momento em que todo o mundo se vê assoberbado com um número crescente de desempregados, ainda há quem dê à mulher faculdades de trabalho, que cabia aos homens, aumentando ainda mais o aspecto ridículo que tem e para que caminha grande parte da sociedade.

Durante o período da guerra, considerou-se um acto heroico, digno da história, alegria para todo o mundo, a mulher passar a desempenhar por necessidade de braços, lugares que até então tinham sido monopólio masculino; enquanto os homens caíam varados no fôssos das trincheiras, as mulheres iam fazendo as balas e as granadas, iam trepando ás plataformas dos electricos para os guiarem, varriam as ruas e chegavam ao funcionalismo público, introduziam-se nas repartições públicas agora tornadas interessante locutório feminino, polidor da durindana da lingua. E então os serviços atrasaram-se, o público aprendeu a fazer bichas intermináveis junto dos guichets, onde uma menina ou senhora anafada não pode mexer com prestesa os braços. Post-guerra, não havia necessidade alguma de continuar deixando ascender as mulheres no funcionalismo, no lugar dado ao trabalho masculino, fôsse em que profissão fôsse. Se não se quizesse ser draconeano em leis que as proibissem de desempenhar funções que ao homem cabem, fizesse-se um inquérito, admitisse-se só em lugares que de facto podessem exercer com proficiência, mulheres cuja situação social, quer por viverem sós, quer por serem amparo da familia, obrigava ao trabalho. Todavia, nós conhecemos familias onde tudo trabalha, mãe, pai, irmãs, sogras, etc., para o mesmo lar e normalmente no funcionalismo público.

E' tempo, quando se enche a bôca tam alárvemente da palavra crise, que se vá pensando na racionalização do trabalho. Enquanto lá fora, em determinados lugares, se empregam os mutilados da guerra em certas profissões, compatíveis com o seu mal, em Portugal, os mutilados da guerra, morrem de fome, porque não há da parte de quem cômpetia um cuidado de selecção, prefe-

rindo-se dar muitas vezes um emprêgo a uma mulher válida, que a um homem aleijado, que o podesse exercer.

Que a mulher tenha direitos legais equivalentes aos do homem, admite-se, mas que ela, que nunca conseguirá deixar de ser o sexo fraco consiga ser o inimigo do trabalho do homem, é demais.

E' interessante notar, como a subida da mulher a certos lugares que eram privilégio masculino fez crescer avassaladoramente o algarismo estatístico da prostituição; as causas não cabem nos moldes desta revista.

O caso do Rivoli, não é novo no nosso país nem no mundo. Amanhã, alguém eivado de francesismo dirá: «as gentis placeuses», lambendo-se todo da novidade. Todavia ainda que elas fôsem gentis, poderá muito bem suceder que aquêles cinco escudos que ganharem, talvez acrescidos da caça à gorgeta e etc., servissem para matar a fome a uma familia inteira onde poderá haver um homem válido que não tem emprêgo. Está bem, quere-se introduzir algo de novo na cidade do Porto; o fim da novidade e a ideia do modernismo é interessante, mas atenda-se às condições de vida do homem, apesar de todas as coisas braço direito dos lares. Evitem-se desde já certos atractivos afrodisiacos que podem ser criados no meio da escuridão da sala e que farão fugir determinada clientela.

Procure-se evitar que o homem não morra de fome, enquanto certas raparigas esbanjam em picuinhas bem futeis; reconheça-se ao homem o direito e a preferênciã ao trabalho e que as mulheres sejam educadas de maneira, a dentro dum máximo de liberdade e igualdade, conseguirem tornar a sociedade actual, mais proba e mais digna; fiquem em casa tratando dela, e deixem o trabalho ao homem que, como até 1914, nunca deixou morrer de mingúa a mulher. E' tempo de dar à mulher autonomia própria, mas dentro de certos limites.

Sócrates.

Visado pela Comissão de
Censura

Balanço da Epoca 1930--31

Organizado por Camilo de Vasconcelos

[Continuação]

a 10 de Novembro de 1930 com o filme dedicado á Aviação norte-americana, «Heróis do Ar», com Ramon Novarro e Anita Page.

A 17, a revista teatral, da Radio, «Rio Rita», com Bebe Daniels e John Boles (Luther Reed).

A 2 de Dezembro, o filme de Sidney Franklin, com Greta Garbo e Lewis Stone, «Orquídeas Bravas».

A 9, «O Príncipe Cigano», película histórica, de Allan Crosland, com John Barrymore e Marion Nixon, e a conhecida abertura de Von Suppé, «Uma Manhã... Uma Tarde... Uma Noite em Viena», executada pela orquestra de Hermann Heller.

A 16, o filme da W. S. Van Dyke, «Sombras Brancas», com Monte Blue e Raquel Torres e «Tudo ao Contrário», com Laurel e Hardy.

A 30, a produção dramática de Michael Kertez, «Arca de Noé», com George O'Brien e Dolores Costello.

A 6 de Janeiro de 1931, o filme de Harry Beaumont, «Broadway Melody», com Charles King, Anita Page e Bes-sie Love; diversos trechos musicais executados por Clyde Doerr (saxofonista).

A 13, o filme de William Nigh, com Lon Chaney, Phil-lis Haver e James Mur-ray, «Homens de Fer-ro», e «Radiomania», outra farça com Laurel e Hardy.

A 20, Bernice Clai-re e Alexander Gray em «Não, Não, Na nette».

A 27, o filme de David Wark Griffith, «A Melodia do Amor», com Lupe Velez e Wil-lian Boyd, e o filme mu-sical «1812».

A 13 de Fevereiro, «A Canção do Deserto», de Roy del Ruth, com Charlotte King e John Boles.

A 10, o filme de Frank Lloyd, «Trafal-gar», com Corine Grif-fith e Victor Varconi, e «O Terrível Gaúcho», (desenhos animados).

A 17, a comédia de Edward Sedwig, comBuster Keaton e Lilla Hyams, «O Figurante».

A 24, o drama de Alexander Volkoff, com Mosjoukine, «O Diabo Branco».

A 3 de Março, a farça de Laurel e Hardy, «Ladrões», e a comédia de Harry Beaumont, «Meninas da Moda», com Joan Crawford e John Mc Brown.

A 10, «O Pagão», película de Van Dyke, com Ramon Novarro e Renée Adorée.

A 17, «O Caminho do Paraíso», filme de Erick Pommer (Ufa), realizado por Wilhelm Thiele, com Lilian Harvey, Jackes Maury, René Lefèvre e Henry Garat; «Beijos e Tormen-tos» (desenhos animados).

A 24, o filme de Feyder, «O Beijo», com Greta Garbo e Lew Ayres, e a comédia de Laurel e Hardy, «Esposa de Ocasião».

A 31, reposição da «Arca de Noé» (Semana Santa).

A 7 de Abril, o notável filme de Pabst com Claus Clau-sen e Gustav Diesel, «4 de Infantaria», e «Chegou a Pri-mavera» (desenhos animados).

A 14, a revista «Hollywood Revue».

A 21, a opereta de Luther Reed, «Paraíso Flutuante», com Jack Oakie e Polly Walker, e «Um por Todos, Todos por Um» (desenhos animados).

A 28, «Comediantes», com Betty Compson e Joe E. Brown (Allan Crosland).

A 5 de Maio, «O Rei do Jazz», revista americana, com Paul Whiteman e a sua orquestra.

A 19, «A's Ordens de V. Alteza», com Lilian Harvey e Henry Garat (Hans Shwarz), «Alarme na Prisão» (desenhos animados).

A 26, a opereta com Billie Dove e Edmund Lowe, «O Anjo Pintado».

A 2 de Junho, a epopeia da trágica hecatombe de há cer-ca de duas décadas, «A Oeste, Nada de Novo», inspiração de Lewis Milestone nas linhas de Remarque, com Lew Ayres, Louis Wolkeim, Raymond Griffith, etc., «O Fim do Mundo» (desenhos animados).

A 16, a comédia com Victor Boucher e Alice Robert, «A Doçura de Amar».

A 23, o filme de Carmine Gallone, «A Cidade do Can-to», com Jan Kiepura e Beit/ Stockfield.

Na época de verão, que foi inaugurada a 30 do mesmo mês, foram repostos conhecidos filmes, sonoros, a principio, mudos, depois.

Destes devemos salientar «Um Chapéu de Palha de Itália», «Club 73» e «Lenda de Gösta Berling», com Greta Garbo e Lars Hanson.



Uma cena do REI DO JAZZ um dos fonofilmes de grande sucesso na época finda

OLIMPIA

Com adaptações musicais da excelente orquestra Carriedo o Olimpia inaugurou, a 4 de Outubro de 1930, a época recém-acabada.

Na data atrás ci-tada, foram estreadas duas comédias da Pa-ramount: «Louca Or-gia» e «Cocktail Ame-ricano»; a primeira in-terpretada por Clara Bow e Frederic March, e a segunda, por Nan-cy Carroll e Paul Lukas.

A 13, «Ao Serviço da Águia Negra», da Metro Goldwin Mayer, com Ralph Forbes e o cão Flash (7 partes), e «Uma Noite em Singa-pura», da mesma casa,

com Ramon Novarro e Joan Crawford (7 partes).

A 20, a comédia em 8 partes, com Corine Griffith, «Re-nedção», e o drama em 9 partes, interpretado por Jack Holt e Dorothy Revier, «O Mergulhador».

A 27, a produção da Ufa, em 9 partes, com Brigitte Helm e Warwick Ward, «A Piedosa Mentira de Nina Petro-wna», e «Escravos do Ideal», documentário dramatizado em 6 partes, com Akiko Chinaya e Jonsuke Bando, no dia seguinte substituído pela comédia em 6 partes, com Claire Windsor e Roy d'Arcy, «O Terror dos Maridos».

A 3 de Novembro, «Rose Marie», drama em 8 partes com James Murray e Joan Crawford e «Orgulho Despor-tivo», comédia em 7 partes, com o inimitável Bill Harnes

A 10, a comédia em 8 partes de Victor Jansen, com Kath Von Nagy, «Rainha do seu Coração», e a película dramática de Richard Oswald, em 7 partes, «O Soldado Desaparecido», com Agnes Petersen.

A 17, «Os Três Relógios», «O Terceiro Esquadrão» e «Um Forçado de Stambul», drama da Ufa em 7 partes, com o grande actor germânico Heinrich George. Real. de Gustav Ucilly.

A 24, a comédia em 7 partes com Anny Ondra «Prin-zeza do Petróleo» e «Alta Traição», com Gerda Maurus e Gustav Frölich.

(Continúa no próximo número)

FRAGMENTOS



A «Agence d'Information Cinégraphique» traz, num dos seus últimos números, uma nota curiosa que eu passo a copiar textualmente:

«O Film Kurier» conta que, durante uma assembleia de físicos e matemáticos em Bad Elster, se deu uma sessão de cinema sonoro. No curso deste espectáculo foram apresentados vários filmes sonoros e, por diversas vezes, uma orquestra fez o acompanhamento musical, tendo-se perguntado à assistência qual era a música original e qual era a música gravada.

«Ora aconteceu que, dentre 300 pessoas, só 3 não se enganaram, o que prova que a música mecânica está hoje perfeitamente «au point».

«Os detractores da música em filmes ou em discos são agora obrigados a reconhecer estas coisas por muito que lhes custe.

«Uma tal experiência, que nos parece conclusiva, merece a maior publicidade. Que não venham mais para cá dizer nos que a música mecânica é inferior à música «viva»; digam antes que certos aparelhos não estão ainda aperfeiçoados».

Pobres fonocinefobos! Até agora vo.ês ainda diziam, todos ufanos: «ora, ora, não há nada como a música natural. sem a irritante metalização dos aparelhos reprodutores de sons»...

Pois até êsse último argumento vos tiraram. Agora, música natural, música executada por «uma orquestra viva e música mecânica, música de conserva, são indistinguíveis»...

Convertam-se, amigos, que não tem outro remédio...

Ainda não há meio minuto, lamentava os pobres inimigos do cinema sonoro, ao ver ruir com estrépito os seus últimos argumentos e as suas últimas esperanças. Adivinho agora a cara contristada que devem estar fazendo, ao verem o popular cinema Batalha inaugurar a sua temporada de inverno com fonocinema.

Mais um! Mais um que abandona as fileiras dizimadas do «mudo» para se vir incorporar nos batalhões do «sonoro». Eu beni vos dizia... Deve fazer agora um ano que eu escrevi: «Mais uma semana, mais uns meses, mais um ano e todos os écrans do Porto falarão». Vocês, sonorofobos que esperavam o hipotético retorno do Silêncio numa manhã de nevoeiro, zangaram-se comigo, escreveram-me cartas, disseram que não e negaram-se a acreditar no meu vaticínio. Deem agora as mãos à palmatória. Como estão vendo, era eu quem tinha razão.

Não julguem, porém, que lamento menos do que Vocês a mediocridade em que o cinema caiu.

Isso já vem de longe; é mal que afectava a arte das imagens em movimento, mesmo antes do aparecimento do sonoro. E depois, lembrem-se que o fonocinema ainda está num período de maturação, período difícil, porque a barreira do comercialismo rouba-lhe o sol da liberdade de que êle tanto necessita.

Não digam mal do cinema sonoro. Combatam antes, e com todas as vossas forças os maus filmes sonoros.

O «Janeiro» transcreve dum dos últimos números do *Temps*, algumas opiniões do grande crítico francês Emile Vuillermoz a propósito do documentário português *Douro, faina fluvial*:

«Tivemos ocasião de aplaudir, em Lisboa, uma realização de dois rapazes cinegráficos portugueses, que não hesito em saudar como dois verdadeiros artistas.

Os srs. Antonio Mendes e Manuel de Oliveira apresentaram-nos um simples documentário sobre a actividade no rio Douro, na sua passagem pelo Porto, documentário que constituiu um interessante e curioso estudo.

«Esses dois artistas fizeram passar sob os nossos olhos um bailado fantástico de água e de ferro.

«Nunca o patético da arquitectura do ferro e a poesia eterna da água foram traduzidas com tanta intelligencia».

E depois de algumas considerações sobre a técnica desse filme, Vuillermoz conclui:

«Dois artistas, dois novos, que pensam e veem cinematográficamente, sabem manejar a natureza, prendê-la nas suas mãos e aproveitar admiravelmente todas as suas «nuances».

«Fixem os nomes dos srs. Antonio Mendes e Manuel de Oliveira, graças aos quais Portugal representará, dentro em breve, um papel interessante na cinematografia europeia».

Registo estas palavras com grande jubilo e, daqui, felicito êsses dois rapazes (1) que tão notavelmente souberam impôr os seus nomes.

A. C.



Uma cena de «Madame Satan», de Cecil de Mille, que a Metro nos apresenta brevemente

(1) A êles devemos também o belo documentário *Uma feira na Maia* a propósito do qual *Invicta Cine* já se referiu.

A propósito duma justa homenagem prestada ao distinto maestro

Frederico de Freitas

Frederico de Freitas foi homenageado no Teatro Avenida.

E' desnecessário encarecer a justa homenagem porque a obra do moço e talentoso maestro é bem conhecida e dispensa os efeitos da prosa para afirmar eloquentemente o valôr e inspiração da sua autoria.

A organização artística do feliz músico-grafo da «Severa» é das mais interessantes, das mais reveladoras, das mais robustas que conheço. A sua música, bebida na fonte da mais fina inspiração popular, é fluente, espontânea, viva, e tem o sabôr característico das músicas portuguesas eliminando nelas a toada lamurienta, decadente, prostradora, que é o sêlo branco de quâsi tôdas as nossas canções populares

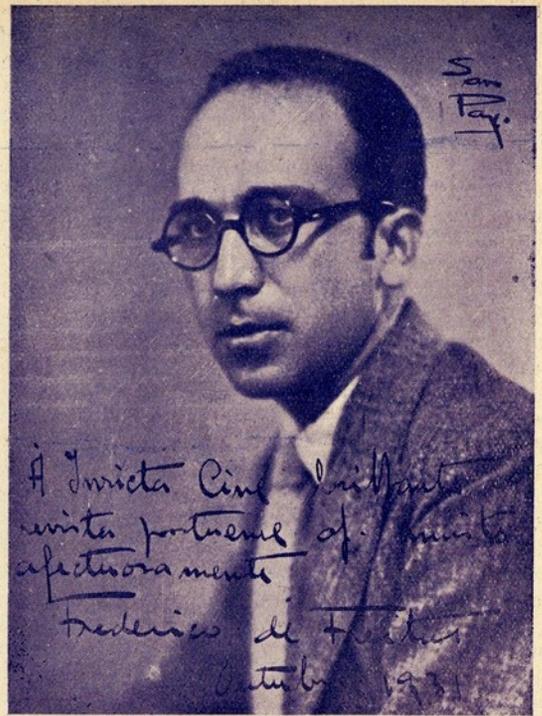
Uma das maiores, das mais úteis aquisições que Leitão de Barros fez para o fonofilme «A Severa», foi, fôra de tôdas as dúvidas, a partitura que Frederico de Freitas magistralmente compos e dirigiu. Mesmo o êxito popular da «Severa» é devido, antes de mais nada, à música das suas canções.

A popularidade de qualquer obra marca se pela intensidade emocional que produz, e tratando-se dum fonofilme musicado, a intensidade emocional é despertada pelo sentido visual e pelo sentido auditivo. Na «Severa» o sentido auditivo é muito impressionante. As imagens iluminaram-se, foram tocadas de vida, de alma, mas passaram e esqueceram, ou vivem na reminiscencia que a memória reteve.

O registo da música foi mais intenso. Gravou se com nitidez na sensibilidade de quem a escutou para se reproduzir e depois divulgar.

É porisso as canções da «Severa» surgem sempre com facilidade e pureza à memória auditiva de todos nós.

O que popularizou, por exemplo, o trabalho perfeitissimo de Silvestre Alegrim, não foi o Timpanas, foi o Sol-e-dó dos bolieiros. O Timpanas, criação do Dr. Julio Dantas, transportado para o cinema pela inteligência de Leitão de Barros e movimentando-se pela personalidade de Silvestre Alegrim, não viria a cristalizar-se na memória do nosso pòvo sem a música de Frederico de Freitas.



FREDERICO DE FREITAS

A «Severa» deve-lhe uma grande parte do seu triunfo e não o escondendo, os seus admiradores manifestaram expressivamente o apreço em que teem o seu talento promovendo-lhe uma festa de homenagem que, francamente, foi uma das raras festas de homenagem a que tenho assistido com satisfação.

Douglas faz... bancos

Uma noite em contacto com a gente que trabalha no fonofilme

“Campinos”

Eu consegui saber que a filmagem dos interiores de *Campinos* se estava a fazer no enorme salão da Sociedade de Belas-Artes, na rua Barata Salgueiro.

Fui até lá ontem de tarde, mas como os trabalhos estivessem ainda muito atrasados, voltei lá à noite, depois de terminada a sessão no S. Luiz.

António Luiz Lopes recebe-me muito amavelmente. Como naquêlo momento, sobrecarregado de trabalho, não pudesse atender, perdi-me que esperasse um pouco.

Ao fundo do improvisado estúdio estava montada com parêdes de barrotes e cartão uma pequena sala de estar muito moderna, muito elegante, muito íntima, com maples e

chaise longue, que sevia logo ser um compartimento da casa da vamp.

Esta, que no filme faz olhos de carneiro mal morto e atraiçoa o amante é, na vida, uma gentilíssima portuense e chama-se Dina de Vilhena.

Estive imenso tempo a conversar com ela.

Falou-me do Porto, dos rapazes de lá da sua paixão pelo cinema, e de muitas e muitas outras coisas que eu vos contarei num dos próximos números.

A. L. Lopes, assim que arranja um pouco de tempo livre vem conversar comigo e dá-me um volume enorme de fotografias para que eu escolha algumas para a *Invicta-Cine*.

Depois conversamos, durante muito tempo, fazendo avenida no enorme salão e fumando cigarros.

António L. Lopes confessa-se animado com o filme, e tenciona mesmo, desde que *Campinos* seja bem sucedido, lançar ombros à realização dum outro filme, mais grandioso.

Declara-me a sua predilecção pelos assuntos de touros, do Ribatejo, de cavalos.

—O filme vive principalmente de exteriores, não é verdade?

—«Sim, responde-me, a principal parte é composta por exteriores, o que não impede, porem, que tenha imensos interiores.

«De início eu tencionava dar a êste filme um caracter documental, mas reconheci que se tornava talvez um pouco monótono de forma que lhe dei mais acção.

—O outro filme que tem em projecto, terá também por cenário o Ribatejo e seus costumes?

—«Sim. Como já lhe disse tenho uma grande predilecção por êstes assuntos. De resto, estou absolutamente convencido de que os filmes nacionais, por enquanto, têm de viver dos exteriores, das paisagens e das belezas naturais do nosso país.

«Não podemos de forma alguma competir em interiores com os estrangeiros, e nem, sequer temos um único realizador competente bastante para movimentar com acêrto, por exemplo, uma multidão num baile grandioso, num grande hotel, etc.

Como eu nesta altura o interrogasse acerca dos interpretes de *Campinos* responde-me:

—«Estou muito contente com todos. Olhe, a sua patrícia, a Dina de Vilhena, por exemplo, vai admiravelmente.

«Fiquei tão contente com o trabalho dela que até lhe aumentei bastante o papel.

«Agora o que você não imagina é o trabalho colossal que eu tenho tido para os ensaiar!

Eu disse que sim, que imaginava, e A. L. Lopes passou a narrar-me episódios dos ensaios. E cenas repetidas! Só uma, com o Gil Ferreira, foi feita vinte vezes!

Fala-me ainda em concluir a filmagem de interiores até ao dia 17, para filmar no dia 18 uma corrida de touros e em seguida partirem para Paris, fazer a sonorização.

Nesta altura reclamam António Luiz Lopes a um lado, e êle deixa-me, não sem me dizer:

—«Vamos começar a filmar daqui a boca-do. Espere você mais um pouco, para ver.

Assim fiz Fui conversar com a Dina e com o Tomaz de Sousa, que no filme faz de ferradôr.

Eram já umas trez horas da manhã e a Dina estava com um frio horrível.

Para aquecer, enquanto que os electricistas terminavam a instalação dos reflectores, formaram-se dois grupos de foot-ball compostos pela Dina de Vilhena, A. L. Lopes, Tomaz de Sousa, Salazar Diniz e outros, e foram jogar, com uma bola de papeis para um canto do salão.

O Salazar foi o melhor homem em campo e a Dina revelou-se uma guarda-rêdes de qualidades.

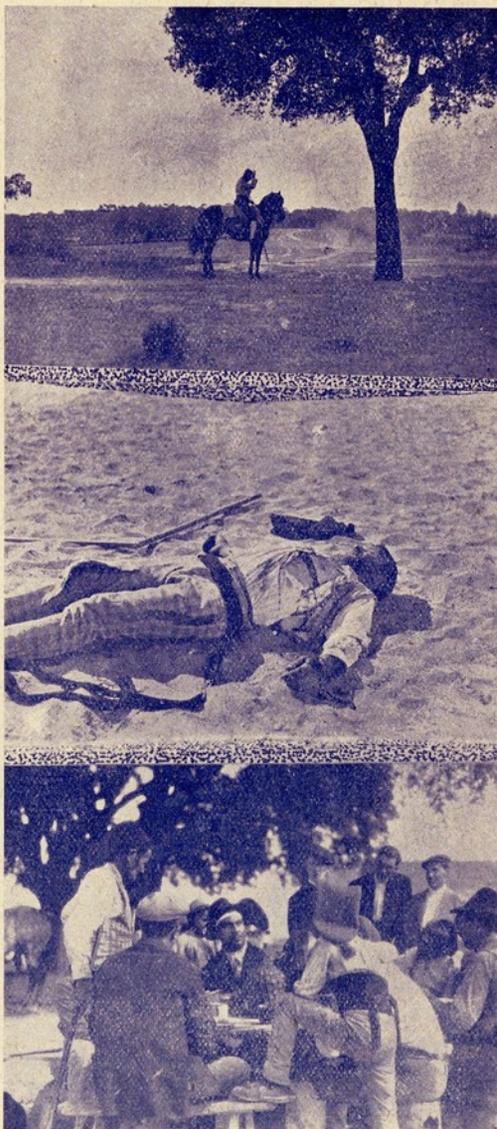
Eram já quatro horas quando os electricistas deram o seu trabalho por concluído, e foi então a vez de entrar em acção o Salazar Diniz, dirigindo cuidadosa e competentemente a distribuição de luz.

Eram quási cinco horas quando, depois dum último ensaio, se começou a filmar.

E era já dia quando saí das Belas-Artes, gentilmente acompanhado até á porta pelo Tomaz de Sousa, a quem prometi voltar.

Lisboa, Outubro, 931.

Fernando



Três imagens de «Campinos»

DAVIDA CINEGRATICA

William Haines supersticioso

A Metro-Goldwyn-Mayer, havia anunciado que «The New Wallingford» o próximo filme de William Haines, começaria a ser filmado numa sexta-feira.

William Haines, sendo supersticioso, reclamou:

—Por favor, perguntou a um dos directores dos estúdios, não poderíamos começar o trabalho desta produção outro dia qualquer?

O director dos estúdios, aparentemente compadecido de Billy, resolveu mudar o dia, perguntando a Billy com um piscar de olhos, se lhe era conveniente começar numa segunda-feira.

—Esplendido! Póde ser qualquer dia, com excção de sexta-feira, respondeu Haines com grande contentamento.

Quando na segunda-feira marcada Billy apareceu nos cenários sonóros para começar a produção, encontrou as paredes, as mósas e até as cadeiras, literalmente cheias de calendários, mostrando a data do dia, que era «Segunda-feira, 13»!

Haines enguliu a brincadeira com um sorriso amarelo e começou o trabalho sem dizer qualquer palavra.

O jogo de bilhar e o cinema

Willie Hoppe, que bateu vários *records* mundiais de bilhar, acaba de ser contratado pela «M. G. M.», para fazer um filme sobre o jogo de que é campeão.

Hoppe demonstrará na tcla o método especial que lhe fez conquistar o campeonato mundial.

Além do jogo comum de bilhar, ele executará jogos especiais, com habeis movimentos do taco, os quais, assevera-se não foram ainda feitos em público. Todas estas partidas serão filmadas com a *camera* em movimento lento, e serão analisadas e explicadas verbalmente por Pete Smith que já desempenhou as mesmas funções em filmes semelhantes.



LILIAN HARVEY e WILLY FRITSCH numa cena de «A VALSA DO AMOR» um dos fonofilmes da Ufa exibidos últimamente no Porto e pertencente á

Agencia Cinematográfica H. da Costa, L.da.

Um filme para cinéfilos puros...

Howard Higgin, director de vários filmes e cenarista de outros tantos, entre os quais uma série para a Paramount de parceria com Sada Cowan, resolveu tentar conseguir um novo sistema de apresentação de filmes. Isto é: transformar os quadros todos de um filme num quadro de perfeição artística invejável mesmo para um pintor celebre. A sua primeira produção, neste genero, a qual está filmando, intitula-se «Farewell to Love», e, nela, está toda a sua ideia sobre a nova técnica que deseja tentar, para apresentar, em seguida, como uma faceta nova da arte do cinema, nas suas inumeras possibilidades.

A sua ideia envolve o emprego de um «cenário visual», no qual cada cena seja um quadro e, neste, sejam as cenas todas ilustradas por um artista capaz. Quando estiver concluído este «cenário visual», mostrará todos os detalhes da produção: os angulos de maquina, como forem apreciados de um angulo puramente artístico: montagens invulgares auxiliando, com as suas forças, o valor emocional de sequenci: em suma, feitos os mais modernos, curiosos e diferentes para conseguir o resultado a que se propõe o director e creador da inovação.

Afirma Howard Higgin, que muita da beleza pictórica dos filmes, notavel nos tempos dos trabalhos silenciosos, foi-se com a entrada dos filmes falados. O dialogo e os efeitos dramáticos dos temas falados tem liquidado virtualmente os efeitos majestosos da natureza,

O emprego, assim, de um cenário absoluta-

mente visual, traz inumeras vantagens, algumas das quais são apontadas pelo próprio Higgin. Em primeiro lugar, elimina toda e qualquer incerteza e experiencia, o que, só por si, e economizará muito tempo.

Os angulos de maquina são estabelecidos, a seleção de indumentária é simplificada e de tudo fugirá a duvida acerca dos resultados.

A concção

artística de uma cena tem sido usada em casos excepcionais, anteriormente, é verdade, mas esta é a primeira vez em que se tentará ilustrar um cenário todo. Por exemplo: Frank Borzage que dirigiu *O Anjo da Rua*, com Janet Gaynor e Charles Farrel, fez um artista pintar um quadro, dando, assim, a sua ideia a respeito de uma cena que ele iria fazer viver com Janet, deante do tribunal, acusada pela violação do código da moral.

Borzage queria mostrar a brutalidade, a deshumana crueldade desta cousa a que chamamos justiça, mas de uma maneira fotogenica. Fez um artista desenhar a cena como ele a imaginava. O desenhador entregou-lhe, afinal, um *sketch* sumamente invulgar, desenhado como se o artista tivesse apreciado a cena de cima e de traz da cadeira do juiz.

Apanhava, em grande plano, os ombros do juiz e, pelo vão do mesmo, ao fundo, pequenina e simples, entre dois guardas, a figurinha quasi franzina da artista. Comparada com a perspectiva do quadro, ela assemelhava-se a um pigmeu deante de um gigante. Era a criança sem arrimo nas mãos da justiça... Fotografando a cena, Borzage seguiu o *sketch* em toda a linha. E' o que Howard Higgin vai agora tentar: fazer um filme todo de quadros previamente imaginados e todos invulgares, de aspectos meramente visuais e absolutamente artisticos.

Mutia e Riano estão novamente na Africa

Que aconteceu a Mutia e Riano, os dois selvagens africanos de «Trader Horn», quando regressaram á Africa Oriental Ingleza, depois de uma estadia de dois anos em Hollywood?

Esta tem sido a pergunta frequente daqueles que viram o filme acima indicado e que breve é apresentado em Portugal, devido á grande curiosidade despertada sobre esses dois pretos arrancados do meio de suas tribus e precipitados na barafunda da civilização americana.

Até ao dia em que eles deixaram o pórto de Mombassa, na Africa Oriental Ingleza, Mutia e



ANN HARDING, interprete de «EAST LYNN» que a nova agencia da Fox-Film em Portugal apresenta esta época nos nossos cinemas.

Riano nunca haviam visto um vapor ou um aeroplano, nem tampouco usado um telefone e muito menos viajado num automovel ou caminho de ferro.

Ambos voltaram ricos para a Africa, sob ponto de vista dos selvagens, especialmente, Mutia, que economizou 1.200 dollars, o suficiente para poder viver confortavelmente o resto da sua vida.

Que efeito teria causado na sua ingénua alma de selvagens o contacto com a civilização?

Phillip Riffkind, que lhes serviu de interprete durante a viagem, escreveu muitas coisas interessantes sobre o que tem acontecido com estes dois selvagens depois que deixaram os Estados Unidos.

A carta de Philippe Riffkind principia assim:

«A riqueza foi uma tentação demasiado forte até para o estolido e cauteloso Mutia.

Durante as primeiras semanas ele esqueceu-se das suas precauções habituais e começou a gastar terrivelmente. Não se meteu em grandes pandegas nem ofereceu festas aos seus amigos, comprou um automovel barato e percorre confusamente as ruas de Nairobi (logar de partida para os sertões africanos) com a maior quantidade possivel de negros que pudesse comportar o interior no carro. A's vezes, levava mais de quatorze negros num automovel que dava para quatro pessoas.

«Finalmente, chegou o dia em que ele ajustou as suas próprias contas, e chegou á conclusão de que estava gastando o seu dinheiro muito mal... e no dia seguinte trocou o automovel por um caminhão, deixando Nairobi para se ir reunir á sua tribu, no coração das selvas. Ali pagou a última prestação que devia pela terceira mulher (na qual havia tomado uma opção antes de partir para os Estados Unidos); comprou uma loja de provisões, e entre o seu comércio e o seu negócio de transporte entre as tribus, ele promete converter-se no negro mais rico da Africa dentro de poucos anos.

«Muita permaneceu fiel á decisão que expressara nos Estados Unidos de não contar as suas

(Conclue na última página)

A propósito da inauguração do sonoro no "Batalha"

Quem como nós conhece a velha cabine do Batalha, da qual António Ferreira, o operador, nos lançava sobre o écran aquelas fitas «colossais» de tiros e cavalgadas fantásticas, quem ouviu ronronar uma velha máquina de projecção, quem instalado numa plateia, ouviu os gritos da «catraçada» — «fôrça», «morra o artista», «àh! malandro» — sente hoje, ao entrar naquêlê salão, qualquer coisa de novo, qualquer novidade que se manifesta num silêncio absoluto das gentes da plateia à cunha, no aspecto circunspecto de alguns novos «habitués». O que seria? Qual foi a varinha mágica que fez calar esta gente, qual foi a varinha de condão que substituiu o crac que se ouvia, às vezes, contra a cabeça dum espectador, do pesado «casse-tête» dum policia? Foi que ao popular Salão da Batalha, chegou há dias S. Magestade o Sonoro.

Justo será, antes de dizermos as agradáveis impressões que trouxemos, fazer notar que o Salão Batalha montando o sonoro num periodo de crise, a prêços populares, meteu uma lança em África; provam-c as suas repletas plateias, onde há espectadores que vão pela primeira vez ouvir as vozes dos «talkies». Tendo-lhe sido feita quasi uma pintura geral, o Salão Batalha, é, como já era, um salão em condições de satisfazer exigentes; e então agora, montado o sonoro, conseguida uma das melhores projecções do Porto e sem duvida ou receio de contestação, a melhor audição depois das Westersas Electric, o Salão Batalha tem garantido um largo futuro.

Na cabine, onde agora dois Ernemann II trabalham alternadamente, onde o Phototone Talkafilme vai reproduzindo fiel, clara e nitidamente o som impressionado ou gravado, há hoje um ar de cinema moderno, um contraste flagrante com o buraco onde, ainda há meses, assava o operador. A amabilidade e gentilêsa com que nos recebe António Ferreira e Adalberto Leitão, põem ainda mais bem estar naquêlê cubo de cimento decorado pelas instalações de Fuentefria e pela severidade mecânica dos produtos da Zeiss Ikon. O Phototone Talkafilme, não é um aparelho de montagem aparatosa, como um Western, mas é um aparelho de combate para todos os cinemas, é um aparelho perfeito; o vêlho ditado que «o habito não faz o monge» pode ser com segurança aplicado aqui. O Phototone, sem a complicação de grandes caixas amplificadoras, sem baterias, fácilmente manejável, é o aparelho ideal e seguro para todo o cinema.

O som é nitido, a reprodução fiel e tudo isto conseguido com meias voltas em «manetes», sem complicações de «faders», sem grandes atavios, condição recomendável para êste aparelho. A colocação do filme, fácil, sem muitas voltas ou atritos, deslizando suavemente em frente da câ-



lula, arrastado por um carrêto tensor, vem ainda mais depôr em favor do Phototone.

Oxalá com a continuação do uso esta marca não desmereça das magnificas qualidades com que fez a sua apresentação. Nós não hesitamos um instante em classificar a audição dêste aparelho como a segunda em ordem de qualidade, do Porto, colocando em primeiro lugar as Westersas.

Suprimido o inconveniente das baterias, produzindo por vezes ruidos secundários, irritantes, o «Phototone Talkafilme», marca introduzida agora em Portugal, fica-se classificando como um aparelho de confiança para os exibidores.

E nada mais diremos dêstes aparelhos, pois estamos fazendo a reportagem duma visita ao Salão Batalha e não um anúncio reclamista como o poderão julgar mal intencionados,

Sómente, neste momento, temos de felicitar a Empresa do Salão Batalha pelo seu empreendimento; não só satisfizeram o público do Porto dando-lhe um salão popular com sonoro, mas ainda conseguiram uma aparelhagem que os impõe e a deve levar à consideração daquêles para quem a cinematografia quer muda quer sonora não é simplesmente um comércio mas também uma arte. Foi pois muitissimo satisfeitos que saímos dêste cinema, fazendo votos para que uma selecção cuidada de filmes e a continuação das magnificas características apresentadas, o mantenham no lugar a que tem direito.

S.

Da vida cinegráfica

(Conclusão)

aventuras de Hollywood aos selvagens. E' que antes, como actualmente, compreende que, se fosse relatar aos outros selvagens o que viu nas outras regiões da terra, eles haviam de pensar que Mutia tinha ficado louco e não dariam crédito ás histórias fantásticas sobre a vida no outro lado do mundo.

«E quanto a Riano... receia que a civilização lhe tenha causado mais dano do que proveto, pois, está vivendo agora em Nairobi, continuando a usar as roupas americanas que levou e a gastar o seu dinheiro.»

3.a T
F R I
E N D
I A D
R A D
A D
O E



E P
S O
T R
R E
I A
E M
L

A super produção da "Ufa,,
de 1931

ESPIONAGEM

Grandioso fonofilme interpretado por
LILIAN HARVEY e WILLY FRITSCH

ESPIONAGEM

É a primeira grande produção desta época
apresentada pela

Agencia Cinematográfica

A. DA COSTA

Guidita — Porto
Lamento sinceramente que V. se encontre assim adoentada e por isso agradeço muito mais a gentileza de me ter escrito. Não se zangue com o que disse do seu fato de banho... mas eu continuei a achá-lo muito feio e — já agora — a boina, também.



O ter-se servido do seu amiguinho para intermediário, e sobretudo da maneira em que isso foi feito, foi uma desilegância. Não torne a fazer outra senão meio mundo rir-se-á de Você. Continui escrevendo, terei sempre muito gosto em ler as suas cartas.

O Rei do Maxixe — Porto — Tu por aqui? Estava longe de esperar que me escrevesse e muito menos para aqui! Era eu realmente. Perdi algum tempo mas valeu a pena. Agora é tua vizinha, quasi. Procura-a no 118-3.º Naturalmente vai.

Não sei quando será exibido no Porto o filme *Aleluia*. Temos de nos resignar a esperar. O quê? Estás um tanto ou quanto off-side por causa da Lillian Harvey? Ao que chegaste!... Escreve-lhe para os Universun-Filmes Studios — Kockstr. 6-8, Berlim, Alemanha.

Adeus, aparece.

Victor Veres — Coimbra — A Administração pede-me que lhe agradeça o renovamento da sua assinatura, a qual terminará com o n.º 163.

Luizita — Miramar — A minha amiguinha faz-me cabelos brancos com a sua caligrafia! Creia que só consegui lêr metade do que escreveu... o resto, tive de adivinhar...

Não tem nada que agradecer por estas respostas. Todos os leitores a elas teem direito. Concurso? Não pensamos nisso por enquanto. Mais tarde, talvez. A frase em inglês é a perguntar se V. afinou o seu aparelho da T. S. F. na noite de quinta feira para ouvir a hora do radio da «Paramount Publix».

Esta cinéfila troca uma coleção completa de programas do Aguiá d'Ouro por uma foto autografada de Henry Garat. Está satisfeita, Luizita? Escreva sempre que queira... mas escreva letrinhas mais legíveis... O seu namoro ha de passar tormentos...

J. F. (Asmodeu) — Ponta Delgada — A sua carta deu-me um grande prazer e a prova é que publiquei na «Tribuna dos Leitores» algumas das melhores passagens. Como vê não me maçou absolutamente nada. Pelo contrário, sou eu que lhe agradeço as interessantes informações que nos deu. Aquele remoço por causa do seu primitivo pseudonimo foi a brincar e por isso não são precisas justificações da sua parte. Achei graça à historia que conta a propósito do meu artigo «O Nú em pelo».

Pelo que estou vendo já aí chegou a influência da minha propaganda pro-nudista. Os versos teem piada. O que diz de Lisboa é razoavel. Mas nessa altura ainda Leitão de Barros estava a começar. Ainda não passou aí *Maria do Mar*?

O quê? Revelar o meu nome? Impossível! E' um segredo de familia. Adivinhe-o. Anna May Wong está nos Paramount Publix Studios, Hollywood, Cal., U. S. A.

Escreva mais vezes. Agradeço-lhe-ei se voltar a dar-me informes sobre o que aí se passa com respeito a filmes, cinema, etc.

Até breve.

Amo «Um Académico» — Porto — Então a minha gentil amiga julgava que eu «comia» aquele postal, assim recortado, como sendo a sua fotografia?!...

Já no número passado lhe comuniquei que tinha aqui uma carta de «Um Académico», para si. a qual ser-lhe-á remetida logo que me dê a sua direcção. Esse rapaz que Você conhece está a brincar consigo. Não se fie no que êle lhe conta. Saly O'Neil: Fox Studios, 1401 N Western Ave., Hollywood, Cal., U. S. A. Renée Adorée está em convalescência nas ilhas de Hawaii.

A sua carta veio por assinar. O que vale é que eu já conheço bem a sua letra. Divertiu-se por Lisboa? Conte coisas.

Até à semana.

Mar-e-Alva — Porto — Houve, sim senhor, um filme mudo também chamado *A Ilha dos Navios Perdidos* de que este, agora, é a versão sonora e falada. Neste momento em que lhe escrevo, ainda não vi o filme. Não posso, pois, dizer-lhe qual dos dois será o melhor.

O filme português *Campinos* vai em grande andamento. Creio que neste número se publicará qualquer coisa sobre esse assunto. Plenamente de acôrdo com a sua opinião sobre a *Marselhesa*. E' realmente um filme mediocre.

José Dias Gomes — Torres Novas — A Direcção agradece muito os dois novos assinantes que nos conseguui. Amigos como Você é que nós precisavamos muitos. Pela minha parte, agradeço lhe reconhecidamente a admiração que me tributa.

Cavaleiro da Morte — Lisboa — Realmente a distribuição da *Invicta-Cine* em Lisboa é um pouco irregular, sendo posta à venda, muitas vezes, com dias de atraso. Já tentamos evitar isso mas pouco conseguimos. Mas Você quer receber a revista com regularidade? Porque não faz uma assinatura de seis meses, por exemplo? Custar-lhe-á 12\$50 apenas, e, sem Você se encomodar nada, a *Invicta-Cine* lá irá ter a casa.

O Rapaz dos olhos — Figueira da Foz — Obrigado pela sua amizade e pelas suas gentilezas. Porque não nos arranja aí alguns assinantes? Isso é que era! — Harold Lloyd recebe correspondencia em Santa Monica Blvd., 6640 — Hollywood, California, U. S. A. E' sempre bom mandar dinheiro, mas agora com a subida do dollar fica um bocadinho caro esse «sport» de escrever aos artistas da tela...

Ben-Hur II — Coimbra — Sim, é verdade, a M. G. M. está sincronizando *Ben-Hur*. Diz-se que a nova versão será toda a cores. Charley Chase lê-se mais ou menos como: tchárlie tcheise, John Gilbert como: djône guílbirt e Garry Cooper como: guéri cupãã. Não vi ainda o filme de que fala. — Conheço muito bem a sua terra e adoro-a. E' natural que aí não me desse bem se lá tivesse de viver. Mas para repousar uns dias, num ambiente de beleza e arte, Coimbra é uma cidade ideal. Não maçou nada. Mande sempre.

Bobby — Porto — O quê? Você quer saber os nomes de todos os artistas que estão trabalhando para a Metro? E não quer mais nada? Vá lá, para lhe ser agradável, citar-lhe-ei alguns nomes: Nils Asther, Lionel Barrymore, Wallace Beery, Edwina Booth, Joan Crawford, Marion Davies, Reginald Denny, Marie e Dressler, Greta Garbo, John Gilbert, William Haines, Neil Hamilton, Buster Keaton, Adolphe Menjou, John Miljan, Robert Montgomery, Conrad Nagel, Ramon Novarro, Marie Prevost, Norma Shearer, Lewis Stone, Ernest Torrence... e muitos mais. Está satisfeito? Mas não torne cá aparecer com perguntas destas...

Um Ateu — Porto — Não gostei de *Santo Antonio*. E por duas razões: Primeiro, pela estupidez e ingenuidade do argumento que vem aumentar a crendice do povo. Segundo, pela mise-en-scene que, pondo de parte algumas passagens, deixa muito a desejar.

Leia o último número. Aí encontrará um lista dos filmes a exhibir no Aguiá. Tem alguns de valor que eu espero com grande interesse.

O Trindade anuncia que acaba de adquirir o filme de Alfred Santell pelo qual Você pergunta, *Daddy Long Legs* (o Papá das Pernas Grandes) tem agradado muito no estrangeiro.

Não sei quando será posta à venda o novo jorna «Cinema» pois a sua direcção tem lutado com muitas dificuldades burocraticas.

Escreva sempre. Até breve.

Amok.

«Invicta Cine» é a revista cinematográfica de maior expansão no Norte do País.

Tribuna dos Leitores

Uma carta dos Açores

Recebemos ha dias uma carta dos Açores na qual um leitor amigo nos conta o que por lá se passa no que diz respeito a cinema, bem entendido. Achamos a carta interessante e resolvemos extrair-lhe e publicar algumas passagens. Eis o que nos diz o nosso leitor:

Não repare na minha prosa. Escrevo agora como se estivesse a conversar consigo, embora 800 milhas nos separem.

Encontro-me aqui, na cidade de Ponta Delgada, ha quasi dois anos. Ora em dois anos veem-se muitos filmes. Rarissimas são as vezes que falho às «primeiras». Não me tome por um cinéfilo fanático, daqueles que passam os dias a sonhar com as estrelas da tela e a imaginar beijocas á Valentino ou á John Gilbert... Isso não.

Não digo que não gostasse de entrar, um dia, num filme, mas nunca por aquela vaidade que conheço em muitos rapazes e raparigas neurastenizados por uma paixão cega, louca Sim, porque aqui—como aí e em toda a parte—tambem existem «Johns Gilberts», «Ramons Novarros», «Gretas Garbos», «Lilians», «Clarinhãs», «Laurinhas», etc., e até ha quem já imite a Marlène, o Henry Garat e o Chevalier sem nunca os termos visto... porque ainda cá não chegaram...

Mas não é isto o que me leva a escrever-lhe e portanto vou entrar já no que interessa:

Dias depois de eu chegar aos Açores um incêndio devorou totalmente o *Teatro Micaelense* que funcionava então como cinema. Como só havia duas casas de espectáculos cinematográficos, ficou uma—o *Coliseu Avenida*, dando agora dois espectáculos por semana; domingos e quintas. Os filmes aí exibidos se não eram bons tambem não eram de todo maus...

Meses depois reabre o *Ideal Cine* e então melhoraram um pouco os programas, e para lhe ser franco, os melhores filmes que vi foram: *Volga-Volga*, *O Patriota*, *Vidas Tragicas*, *A Tortura da Carne*, *Céu de Gloria*, *O Favorito de Pompadour*, *Sheherazade*, *Ri*, *Palhaço*, *Ri e A Invasão*.

Depois veio cá, por uns dias somente, o cinema sonoro: um aparelho ambulante que por aqui passou. Traziam cinco filmes: *O Cantor Louco*, *A Arca de Noé*, *Troika*, *Alma Andalus e Paris que encanta*.

Gostei muitissimo de *O Cantor Louco*—o filme que estreou o sonoro nesta cidade.

Ha poucos meses ainda outro incêndio de-



GINA MANÈS

Protagonista do filme «O Salto Mortal» e a edição no Trindade

vorou, tambem totalmente o *Ideal-Cine* e de novo ficamos à mercê da empresa do *Coliseu* que nos dá aquilo que quer e muito bem entende, sem o mínimo respeito pelo público... que paga.

Ultimamente vou ao cinema como de costume, mas sem fé nem esperança, porque... não ha «caridade»... Os filmes que agora cá passam, só para «cegos» servem, porque os que teem olhos de vêr só encontram banalidades.

Quanto ao estado das películas, ha de tudo: boas e más, nítidas e riscadas.

E' pena que não haja cá um aparelho para filmes sonoros; nem vejo indícios de o posuirmos tão cedo. Não imagina como gostava de vêr *A Minha Noite de Nupcias* e êsse filme legitimamente português que é *A Severa*.

Oh! Se eu tivesse asas!... Iria passar as noites no *Aguia d'Onro*, no *Olimpia* ou no *Trindade*, sentado ao lado de V., Amok, para que eu visse o que V. vê: A começar em *Sob os Telhados de Paris* e a acabar em..., sei lá!... era melhor que nunca acabasse. J. F.

BONUS oferecido aos leitores da Invieta Cine pela Ex.^{ma} Empresa do cinema Olympia nas matinéas dos dias **22 ou 24 de Outubro de 1931.**

50 % de desconto em todos os lugares

O Trio Fantástico



Com: Lon Chaney, Lila Lee, Elliot Nugent,
Harry Arles, John Miljan Ivan Linon, Cla-
rence Burton Grawford Kent

Realização de Jack Conway

Echo, ventriloquo, Midget, interessante anão, e Hércules tipo corpulento, verdadeiro gigante, são os personagens que formam um terrível trio fantástico que se dedica á exploração do crime. Trabalham, aparentemente, como artistas de circo, se bem que a sua verdadeira especialidade seja o roubo, no que são auxiliados por Rosie, interessante rapariga, tão astuta como os trez sócios do grupo. Descobertos pela polícia, põem-se ao largo, estabelecendo o quartel general em New York, interpretando novos papéis.

Echo, em «travesti» de senhora edosa, será a pacata proprietária dum estabelecimento de venda de aves de estimação. A sua especialidade de ventriloquo permitir-lhe-á impingir papagaios mudos como exímios palradores. O anão representará um pequeno garoto da família, e o gigante, o pai do meúdo. Como empregado, admitem um pobre rapaz, Hector, que, devido á habilidade do trio e á discrição de Rosie, ignora sempre a verdadeira identidade dos trez cavalheiros de officio. Tal negócio permitir-lhes-á o ingresso em casas de pessoas de fortuna, estudando os domicílios interiormente, os usos e costumes dos proprietários e da creadagem, maniobrando depois com uma precisão e limpeza admiráveis.

Hector apaixonou-se por Rosie, que lhe corresponde. Como a rapariga de há muito era um perfeito tónico para o encanecido mas ainda apaixonado coração de Echo, éste, ao saber dos amôres dos dois jovens, tenta vingar-se.

Um extraordinário roubo é praticado pelo gigante e pelo anão na residência dum milionário cliente da loja da «troupe». Hector é prêzo. Se bem que injustamente, inumeras, provas se avolumam contra êle. Rosie, vendo o perigo que o seu adorado corre, implora de Echo a confissão da verdade á Justiça, pois só o seu depoimento o poderá salvar. Echo hesita, dado o enorme ciume que o domina. Por

fim, concorda em salvar o rapaz e facilitar a sua união com a linda Rosie, que melhor a merece já pela sua juvenil idade. Já pelos bons sentimentos que possui, enquanto que êle, criminoso e avançado na idade não tem o direito de aspirar á felicidade que idealisára.

E Echo, depois de cumprida a bôa acção que a consciência lhe ditara, com o coração sangrando por mais aquela adversidade do seu destino, parte de novo, só entregue á tortuosa vida aventureira em cujas amaranhadas malhas se sentira envolvido!

NA CAPA

William Haines artista americano que esta época nos aparece em vários filmes.

Em sete dias:

7 de Outubro—Inauguração da temporada de inverno nos cinemas «Palacio» e «Royal», de Lisboa, com o filme *O Trio Fantástico*.

10 de Outubro—Inauguração do cinema sonoro no popular salão Batalha, com a reposição do fonofilme *A Minha Noite de Nupcias*.

A «Warner Bros», acaba de processar a Electrical Research, sociedade fundadora da Western Electric em 200 milhões de marcos.

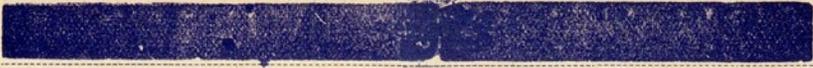
FOTOGRAFIA GUEDES A MAIS PREMIADA
A MAIS PREFERIDA

Distinguida pela superioridade dos seus trabalhos

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350



AGUIA D'OURO

apresenta na próxima semana
o sensacional fonofilme

O TRIO FANTASTICO

(THE UNHOLY THREE)

Realização de JACK CONWAY
com o notabilissimo
e saudoso
artista

LON CHANEY

que neste filme usa cinco vozes
diferentes, imitando não
só pessoas, mas
tambem
animais



O
primeiro e
único filme falado
que o inolvidável artista
nos legou.



O melhor aparelho de re-
produção de filmes sonoros
é incontestavelmente o

PHOTOTONE TALKAFILM

a marca de maior
nome e confiança nos
Estados Unidos

PHOTOTONE TALKAFILM

não emprega baterias de
especie alguma manejando-
se com a maior facilidade

PHOTOTONE TALKAFILM

acaba de ser instalado no
cine Batalha, do Porto,
tendo conseguido o melhor
acolhimento do publico

SNRS. EMPRESARIOS

**Peçam informes ao distribuidor
para Portugal e Espanha**

AUGUSTO ALBERTO DE SOUSA

Travessa de Passos Manuel, 22—1.º--PORTO